



**ADRIANA PENIDO**

*BIBLIOTECA DA (R)ESISTÊNCIA, INSTALAÇÃO (MADEIRA, METAL, LIVROS, LAMA, FIO DE NYLON), 2019.*

# A GRANDE NARRATIVA: UM ANO DE COBERTURA ON-LINE DO DESASTRE DA SAMARCO EM VEJA E CARTACAPITAL

VINICIUS SUZIGAN FERRAZ\*

**RESUMO** Este artigo tem como objetivo evidenciar as narrativas jornalísticas sobre o desastre da Samarco que imperaram nos portais *on-line* em *Veja* e *CartaCapital*, a saber, como os veículos representaram o acontecimento factual no primeiro ano de cobertura periodística. Para isso, foi utilizada a Análise de Conteúdo de Laurence Bardin enquanto metodologia quantitativa, visando inferenciar sobre o *corpus* escolhido. Concluiu-se que *Veja* constituiu, em suas práticas editoriais, discursos e narrativas mais à direita do espectro político. Por outro lado, *CartaCapital* tem embutido em suas linhas editoriais um discurso mais à esquerda dessa mesma métrica ideológica.

**PALAVRAS-CHAVE** desastre da Samarco; jornalismo; análise do conteúdo.

## THE GREAT NARRATIVE: A YEAR OF ON-LINE COVERAGE OF THE SAMARCO DISASTER IN VEJA AND CARTACAPITAL

**ABSTRACT** This article aims to highlight the journalistic narratives about the Samarco disaster that prevailed in the on-line portals in *Veja* and *CartaCapital*, a saber, as the vehicles represented the factual event in the first year of periodic coverage. For that, Laurence Bardin's Content Analysis was used as a quantitative technique, to infer about the chosen *corpus*. It was concluded that *Veja* constituted, in its editorial practices, speeches and narratives to the right of the political spectrum. On the other hand, *CartaCapital* has in its editorial lines a discourse more to the left of this same ideological metric.

**KEYWORDS** samarco disaster; journalism; content analysis.

\* Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela PUC-Campinas. Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Doutorando em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Docente do curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda da Faculdade de Americana (FAM).

## 1. Introdução

É indiscutível o poder social do jornalismo e do papel do jornalista na tentativa de ajudar a constituir regimes de verdade. É aferido a esse profissional um lugar privilegiado de credibilidade e legitimação social na tentativa de construção do real, ainda que essa relação entre jornalismo e sociedade padeça de uma crise de credibilidade nos dias atuais. Os filtros e as subjetivações deontológicas na hora da redação, além dos fatos e dos acontecimentos que determinam o olhar subjetivo do profissional na hora de tecer as palavras que representam tais fatos e acontecimentos, são objetos de estudo de vários pesquisadores da Comunicação Social.

As narrativas são dispositivos argumentativos que utilizamos em nossos jogos de linguagem. São as formas, privilegiadas e desprivilegiadas, que usamos como estratégias de persuasão e retórica, de organização de pensamento, de tentativa de aproximação do eu com a realidade, do subjetivo com o objetivo e de tentativa de convencimento do outro. O estudo das narrativas em produtos jornalísticos se propõe a analisar as estratégias organizadoras do discurso jornalístico. Argumenta-se que a análise pragmática da narrativa jornalística permite a interpretação de inferências simbólicas que levam o pesquisador a revelar metanarrativas culturais de âmbito pré-jornalístico. “A partir dos enunciados narrativos somos capazes de colocar as coisas em relação umas com as outras em uma ordem e perspectiva, em um desenrolar lógico e cronológico. É assim que compreendemos a maioria das coisas do mundo” (MOTTA, 2011, p. 2).

Nesse sentido, o objetivo deste artigo se volta a entender o papel das narrativas na construção do real ao longo do espaço-tempo, visando entender como as narrativas de notícias e reportagens *on-line* das revistas *Veja* e *CartaCapital*, cada uma com estratégias discursivas e práticas editoriais distintas, representaram o desastre da Samarco no primeiro ano de cobertura sobre o caso. Assim, foi utilizada, enquanto proposta metodológica, a Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2008) visando verificar se o *corpus* escolhido nos consegue dizer sobre quais foram as narrativas que imperaram nas plataformas *on-line* das revistas após a análise de um ano de cobertura do desastre.

## 2. Os estudos narrativos e o jornalismo

Com isso, a narrativa deixa de estar associada apenas à linguagem verbal escrita, para ser encarada como um fenômeno universal, amplamente vasto, susceptível de apresentar-se sob diferentes suportes e em tempos diversos. Nesse sentido, o conceito foi de tal maneira alargado, que tem se tornado, cada vez mais, objeto de estudo de inúmeras áreas, dentro e fora das ciências sociais e humanas (ARAÚJO, 2012, p. 4).

Com isso, a narrativa deixa de estar associada apenas à linguagem verbal escrita, para ser encarada como um fenômeno universal, amplamente vasto, susceptível de apresentar-se sob diferentes suportes e em tempos diversos. Nesse sentido, o conceito foi de tal maneira alargado, que tem se tornado, cada vez mais, objeto de estudo de inúmeras áreas, dentro e fora das ciências sociais e humanas (ARAÚJO, 2012, p. 4).

Nessa concepção multidisciplinar, fica evidente que a junção de estudos que privilegie a linguagem narrativa, o discurso e a produção jornalística pode render boas produções acadêmicas, de campos de conhecimento distintos, “uma vez que o trabalho dos jornalistas gira em torno da produção de narrativas, tendo a realidade factual como grande referente” (ARAÚJO, 2012, p. 5).

O discurso jornalístico opera em conjunto com outros saberes. Como seu fulcro é o factual e/ou o acontecimento, a narrativa desse tipo de discurso não segue uma ordem cronológica no caso da notícia, pois o gênero em questão é condicionado pelo *lead*<sup>1</sup> e pela lógica da pirâmide invertida. No caso da reportagem, essa tem como garantia atribuída um lugar de destaque nos estudos narrativos. A própria etimologia da palavra faz do texto do gênero reportagem um referencial, já que *reportare* significa (re) transportar, movimento de transporte de uma determinada realidade para um público, em que o sufixo re promove o sentido cíclico e impõe uma ideia de esgotamento e reposição: transportar e retransportar.

De outra perspectiva, todas as produções jornalísticas, as narrativas midiáticas de um modo geral, podem ser vistas como produtos culturais, pois são imbuídas de “ecos de realidade onde foram construídas” (ARAÚJO, 2012, p. 6). Esse tipo de reflexão reside no fato de que as narrativas jornalísticas carregam consigo resquícios do próprio tecido social. No entanto, é importante entender que elas também são formas de (re) construção desse mesmo tecido social, ou seja, olham a realidade a partir de seu ponto

<sup>1</sup> Estrutura esquemática que tem se destacado no Brasil há pelo menos 50 anos. Desenvolvida nos EUA durante a Guerra Civil americana e implementada pelo *Jornal do Brasil* aqui, na década de 1950, conceitualmente, o *lead* significa o primeiro parágrafo do texto jornalístico, a abertura de notícia padrão (ou reportagem), privilegiando as últimas informações a respeito do fato a ser narrado (pirâmide invertida), permitindo uma melhor organização textual e uma melhor cognição da recepção. Permite ao leitor buscar, já nas primeiras linhas do texto, as respostas às perguntas essenciais (o que, quem, quando, onde, como e por que), um conjunto de informações jornalísticas que, apresentadas de maneira objetiva, serão responsáveis pela compreensão do fato e pela referência semântica do evento a ser narrado posteriormente.

de vista, constroem a realidade a partir daquilo que lhes convém. Bruno Araújo nos ajuda na conceituação do que podemos chamar de narrativas no âmbito do jornalismo:

Para que possamos entender a notícia, a reportagem e outras produções jornalísticas, como construções narrativas, precisamos recorrer ao próprio conceito de narrativa, problematizado por alguns dos nomes mais contundentes dos estudos narrativos. Segundo Gérard Genette “a narrativa é a representação de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos, reais ou fictícios, por meio da linguagem e, mais particularmente, da linguagem escrita” [...]. Todorov, por sua vez, acredita que “a narrativa é um texto referencial com temporalidade representada” [...] (ARAÚJO, 2012, p. 5).

### 3. Proposição metodológica

Enquanto metodologia, foi escolhida a Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2008). Assim, os objetivos apontados enquanto proposta quantitativa é verificar se o corpus de um ano de reportagens e notícias publicadas nos portais *on-line* das revistas *Veja* e *CartaCapital* nos consegue dizer sobre quais foram as narrativas que imperaram nos periódicos após um ano de cobertura do desastre. Nessa etapa de organização de material, elaboração de hipóteses, interpretação e inferências de resultados possíveis, serão observados quatro atributos: a pluralidade das fontes; os setores sociais invocados na construção dessas narrativas; quais foram os temas e os tratamentos recebidos em parte dos produtos jornalísticos publicados nos portais *on-line* de cada revista, determinando as suítes<sup>2</sup> do caso.

Por pluralidade das fontes, entende-se a análise em cima da quantidade e da diversidade das fontes. Costuma-se representar o fato de maneira mais apurada a notícia que acaba por dar vozes a mais fontes e instituições, conseguindo abarcar uma maior diversidade de perspectivas do acontecimento. São as fontes primárias de informação. Os setores sociais invocados estão ligados às instituições sociais: poder executivo, dirigentes de empresas que representam essas instituições, moradores das áreas atingidas, organizações não governamentais, entre outras representações que são invocadas no texto jornalístico. Por fim, necessita-se saber quais foram os temas e os tratamentos utilizados na abordagem das matérias. O tema resguarda uma característica principal sobre a abordagem e o recorte da publicação, também usualmente chamado de

<sup>2</sup> Jargão jornalístico que designa a reportagem que explora os desdobramentos de um fato que já foi notícia. Etimologicamente, em francês, suite significa série, sequência.

chapéu.<sup>3</sup> Também é por vezes confundido com a editoria em que se encontra o texto publicado. Por tratamento, entendemos a forma como a revista qualifica os agentes envolvidos na construção narrativa e também como o tema se materializa. Para isso, utilizaremos a tabela de valores-notícia de Gislene Silva (2004), que perpassou um longo caminho teórico para abordar o que pensadores do jornalismo, como Manuel Carlos Chaparro, Nilson Lage, Mário Erbolato, Mauro Wolf, Nelson Traquina, discutiram sobre o conceito, chegando a tal categorização:

<sup>3</sup> O chapéu é usado para definir o assunto da matéria. É usado sobre o título do texto, no cabeçalho da pauta. Uma ou duas palavras sustentam a temática na qual o produto jornalístico está inserido.

**Quadro 1-** Proposta de tabela de valores-notícia para operacionalizar análises de acontecimentos noticiáveis/noticiados

<p><b>IMPACTO</b> Número de pessoas envolvidas (no fato) Número de pessoas afetadas (pelo fato) Grandes quantias (dinheiro)</p>	<p><b>PROEMINÊNCIA</b> Notoriedade Celebridade Posição hierárquica Elite (indivíduo, instituição, país) Sucesso/Herói</p>
<p><b>CONFLITO</b> Guerra Rivalidade Disputa Briga Greve Reivindicação</p>	<p><b>ENTRETENIMENTO/CURIOSIDADE</b> Aventura Divertimento Esporte Comemoração</p>
<p><b>POLÊMICA</b> Controvérsia Escândalo</p>	<p><b>CONHECIMENTO/CULTURA</b> Descobertas Invenções Pesquisas Progresso Atividades e valores culturais Religião</p>
<p><b>RARIDADE</b> Incomum Original Inusitado</p>	<p><b>PROXIMIDADE</b> Geográfica Cultural</p>
<p><b>SURPRESA</b> Inesperado</p>	<p><b>GOVERNO</b> Interesse nacional Decisões e medidas Inaugurações Eleições Viagens Pronunciamentos</p>

**Quadro 1-** Froposta de tabela de valores-notícia para operacionalizar análises de acontecimentos noticiáveis/noticiados

Continuação

<p><b>TRAGÉDIA/DRAMA</b>          Catástrofe          Acidente          Risco de morte e Morte          Violência/Crime          Suspense          Emoção          Interesse humano</p>	<p><b>JUSTIÇA</b>          Julgamentos          Denúncias          Investigações          Apreensões          Decisões judiciais          Crimes</p>
---	--

Fonte: Silva (2004, 104-105)

Trata-se dos valores-notícia, ou seja, a forma como um jornalista valoriza determinados aspectos que permitem que um acontecimento seja narrado. Esses valores têm como objetivo guiar o jornalista a entender e fazer as escolhas das pautas que mais agradam e interessam o seu público, assim como as pautas que mais se identificam com as práticas editoriais de cada veículo, nesse caso o contrato de comunicação e o *ethos* discursivo das revistas *Veja* e *CartaCapital*.

4 A filtragem irá privilegiar apenas as reportagens e as notícias dos portais. Foram excluídas da seleção dos documentos a serem analisados as entrevistas, colunas, crônicas, galeria de imagens, entre outros produtos que não se encaixam no gênero informacional do jornalismo ou de vigilância social (MELO, 2016, p. 49).

Assim, a organização da análise obedeceu a três etapas: a primeira é a pré-análise, fase de organização do material, isto é, “corresponde a um período de intuições, mas tem por objectivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise” (BARDIN, 2008, p. 121); a segunda etapa da organização concerne em explorar o material, já que “se as diferentes operações da pré-análise forem convenientemente concluídas, a fase de análise propriamente dita não é mais do que a aplicação sistemática das decisões tomadas” (BARDIN, 2008, p. 127); e, por fim, o último passo do método é tratar os resultados obtidos e a interpretações destes, ou seja, transformar “os resultados em bruto de maneira a serem significativos (falantes) e válidos” (BARDIN, 2008, p. 127).

Assim, a pré-análise do *corpus* a ser investigado é constituída de: leituras flutuantes de um ano de reportagens sobre o desastre da Samarco nas revistas *Veja* e *CartaCapital*, em seus portais *on-line*; a escolha e a filtragem do material, de acordo com os objetivos e da nossa hipótese;<sup>4</sup> e a criação dos índices que permitirão fazer a análise do material, sendo os quatro já citados anteriormente: a pluralidade das fontes, os setores sociais

invocados na construção dessas narrativas e quais foram os temas e os tratamentos recebidos nos produtos jornalísticos selecionados; por fim, a preparação do material para a análise e a coleta das informações.

Para a escolha do material, foram utilizadas buscas nos portais *on-line* das revistas. Nelas, foram inseridas as palavras-chave (*tags*) que simbolizam e filtram os produtos jornalísticos nos sites. As palavras escolhidas foram: Mariana-MG, Samarco, Vale e BHP-Billiton. Nessa etapa, a gama de publicações encontrada foi enorme. Esta foi filtrada pelo crivo disposto no parágrafo acima e, no total, foram computadas, após um ano do fato, desde 5 de novembro de 2015 até 4 de novembro de 2016, 72 notícias consideradas como suítes do caso, e apenas 5 reportagens com abordagens e ângulos diferentes do caso, publicadas no portal da revista *Veja*. Se tratando de *CartaCapital*, esse número diminuiu vertiginosamente, caindo para 23 no mesmo período.

## 4. A grande narrativa do desastre da Samarco em *Veja* e *CartaCapital*

A leitura flutuante, primeira etapa do método quantitativo proposto pela autora, indica-nos alguns dados sobre as narrativas das revistas diante do acontecimento: a quantidade de notícias factuais, com *lide* e *sublide*, publicadas nos primeiros dias e meses do desastre. Isso ocorre muito mais em *Veja* do que em *CartaCapital*, talvez pelo tamanho das instituições como um todo. Isso também explica a tentativa de expor o acontecimento e tratá-lo enquanto ainda está “quente”, ou seja, enquanto ainda tem notoriedade, novidade e impacto. A frequência de publicações seguiu um fluxo grande até dia 20 de dezembro e pode ter diminuído por dois motivos: as festas de fim de ano, em que parte da redação fica de licença e também quando a história começa a “esfriar”, tendo se esgotado as novidades ou os fatos novos em torno do evento.

Outra observação sensível à leitura dos textos, comparativamente, é o tom analítico imposto em *CartaCapital*, mas não em *Veja*. Entende-se que as publicações de *CartaCapital* não se atêm apenas ao factual ou apenas como uma decorrência do *lide*, mas exploram outros assuntos atrelados às respostas que o *lide* pode fornecer. Isso acontece pois o tema ambiental é mais importante a ela do que é à revista *Veja*, até por ser um



tema caro e atrelado às preocupações do pensamento ligado ao viés progressista e aliado à linha editorial do periódico. No que condiz às publicações da *Veja*, o periódico se preocupa mais em reproduzir *hard news*, mais atenta em persuadir o seu público com notícias quase a tempo real (quanto mais rápida melhor), imprimindo um modelo industrial à sua cobertura. Dessa forma, me parece que, para *Veja*, a quantidade é levada mais em consideração, enquanto que para *CartaCapital* a qualidade se sobressai. Isso não é visto como uma forma de depreciação de uma em relação à outra, mas, sim, como estilos diferentes de se fazer jornalismo e práticas editoriais.

Se tratando da pluralidade das fontes na revista *Veja*, foram constatadas algumas características de como o periódico levanta as suas fontes para enfatizar a narrativa e dar ares de referência e especialização às suas notícias. Das 72 notícias e reportagens encontradas no portal durante esse um ano, a pluralidade de fontes ficou organizada e classificada assim:

**Tabela 1-** Fontes citadas nas notícias e reportagens em *Veja*

Pluralidade das fontes	Quantidade de aparições
Moradores de Mariana-MG	11
Carlos Eduardo Ferreira Pinto – coordenador de Meio Ambiente do Ministério Público MG	9
ONU	7
Samarco	6
Duarte Júnior – prefeito de Mariana-MG	5
Paulo Hartung – governador do ES	5
Documentos	5
Fernando Pimentel – governador de MG	4
MPE-MG	4
Izabella Teixeira – ministra do Meio Ambiente	4
Vale	4
Dilma Rousseff – ex-presidenta do Brasil	3
Frederico Esteves Duarte Gonçalves – juiz da Comarca de Mariana	3
Folha de S.Paulo	3
Guilherme de Sá Meneghin – promotor de Direitos Humanos de Mariana-MG	3
Standard & Poor's – Análise de títulos e bolsa de valores	2
Ricardo Vescovi – diretor-presidente da Samarco	2

Tabela 1- Fontes citadas nas notícias e reportagens em *Veja*

Continuação	
Pluralidade das fontes	Quantidade de aparições
André Ruschi – biólogo	2
Mario Werneck – presidente da comissão de Meio Ambiente da OAB	2
DNPM – Departamento Nacional de Produção Mineral	2
Luiz Inácio Adams – advogado Geral da União	2
Moradores da região	2
Secretaria do Estado do Meio Ambiente	2
Otávio Guerra – perito	2
Ibama	2
Nefi Cordeiro – ministro do Superior Tribunal de Justiça	2

A tabela 1 descartou as fontes que tiveram apenas um aparição. O que podemos interpretar, no que se refere à pluralidade das fontes, é que elas possuem um caráter plural, mas não muito diversificado.

À primeira vista, a grande quantidade de moradores e pessoas atingidas pelo desastre em Mariana (MG) chama a atenção, mas é enganosa. Isto porque das 11, sete aparecem citadas na reportagem “Tragédia em Mariana: para que não se repita”. Dentro dos outros 72 produtos jornalísticos analisados, somente quatro moradores foram utilizados como fonte, denotando que a grande preocupação da revista foi a cobertura através de um olhar menos humanizado, mas cheio de detalhes técnicos e jurídicos. Ao todo, foram 69 fontes citadas pela revista no período, mas a grande maioria delas era composta de tecnocratas, vozes das instituições envolvidas, muitas fontes oriundas do judiciário e suas lateralidades. Assim, a diversidade de vozes ao representar a catástrofe em *Veja* na grande narrativa configura uma clara amostragem de como se comportam os meios de comunicação hegemônicos no país quando se trata de jornalismo. A diversidade brasileira e as vozes importantes que poderiam e deveriam ser ouvidas em tamanho desespero, por vezes, são soterradas pela grande quantidade de técnicos, especialistas, fontes de informação de alto escalão e das classes sociais A e B.

Assim, apenas 16,66% destas foram de moradores de Mariana (MG) que sofreram algum dos impactos do desastre da Samarco, sendo que a grande maioria aparece em apenas uma reportagem. O número baixo nos mostra a diferença expressiva de repre-

sentação da população atingida acerca da diversidade de vozes. É óbvio que existem autoridades que falam e representam, legalmente, o direito da parcela majoritária da população, tais como os Ministérios Públicos Estaduais e Federais, os governadores eleitos de Minas Gerais e do Espírito Santo, entre outros, cujas funções incluem a representação, em democracias representativas, daqueles que as elegeram. Mas a disparidade é grande e dá o tom das práticas editoriais em grande parte da imprensa tradicional, que premia o discurso dos abastados e rebaixa o discurso popular. Retirando a reportagem “Tragédia em Mariana: para que não se repita”, isso fica mais explícito. Nas 72 publicações de *Veja* no período escolhido, apenas quatro fontes “populares” foram utilizadas, gerando um percentual irrisório de 5,79% de representação.

Outro índice avaliado nessa trajetória quantitativa trata dos setores sociais invocados na grande narrativa do desastre. São instituições sociais representativas, que estão no lugar de um certo número de cidadãos, visando representá-los institucionalmente. Seguem:

**Tabela 2-** Setores sociais invocados em *Veja*

<b>Setores sociais</b>	<b>Quantidade invocada</b>
Governo MG	18
MPE-MG	16
MPF	13
Corpo de Bombeiros	12
Governo ES	12
Prefeitura Mariana	8
Governo Federal	8
União	7
PF	7
Justiça Federal	7
Ibama	7
DNPM	6
Polícia Civil MG	6
MPE-ES	4
Defesa Civil	4
AGU	4
ONU	3
Secretaria do Meio Ambiente MG	3
Palácio do Planalto	3
Comarca de Mariana	3

Tabela 2- Setores sociais invocados em *Veja*

Continuação

Setores sociais	Quantidade invocada
Justiça MG	3
USP	2
Ministério de Minas e Energia	2
Semad	2
IEF	2
Igam	2
Feam	2

Fonte: elaborada pelo autor (2018)

Ao todo, *Veja* invocou 67 setores sociais em notícias e reportagens nesse um ano de cobertura do desastre de Mariana (MG). Além desses citados na tabela acima (os que mais apareceram), também foram invocados: UNB, UFMG, Câmara de Vereadores de Mariana-MG, Ministérios da Integração Nacional, entre outros.

A Tabela 2 mostra o Governo de Minas Gerais como o principal setor social levantado na construção dessa grande narrativa (na maioria das vezes acompanhado de seu governador, Fernando Pimentel), seguido por: Ministério Público Estadual de Minas Gerais, Ministério Público Federal, Governo do estado do Espírito Santo (junto de Paulo Hartung, governador), prefeitura de Mariana (Duarte Júnior), Governo Federal, União, Polícia Federal, Ministério Público Estadual do Espírito Santo e Defesa Civil, pra ficar nos dez mais citados. Apenas na décima primeira posição aparece o Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis), o primeiro órgão ambiental a figurar na tabela, com sete invocações, seguido do DNPM (Departamento Nacional dos Produtores Minerais). Nesse sentido, assume-se nas inferências de que *Veja* não priorizou em sua narrativa enfatizar o aspecto ambiental, mas procurou invocar setores e fontes oficiais, de caráter mais público e político, seguindo a mesma lógica das fontes primárias de informação: instituições políticas e órgãos públicos que pudessem responder quais seriam as providências a serem tomadas após a catástrofe. Da lista dos mais citados, apenas três setores sociais são referentes ao meio ambiente e, dentro dos 67 setores invocados no período, apenas 17 são relacionados à pauta ambiental, dando um total de 25,75% de invocações entre todos os setores nesse um ano de cobertura, mas com muito menos repetições do que outros setores, representando menos as pautas de cunho ambiental. Isso denota que a

5 Conceito desenvolvido por Patrick Charaudeau (2006) em seu livro *O Discurso das Mídias*. De forma sintética, presume que o enunciatário “contrata” o enunciador nessa troca simbólica, ou seja, de que existe um contrato de comunicação entre os dois elos comunicacionais.

linha editorial da revista é mais pragmática, priorizando a parte política e econômica. Pode ser encarado como uma resposta ao seu leitor, que prefere entender e ler sobre números e ouvir esses setores sociais em vez de outros cuja força de representação não o impacta. Assim, nos parece que *Veja* articula o seu discurso em torno desses setores sociais, da alta esfera política e econômica, entendendo que o contrato de comunicação<sup>5</sup> firmado com o seu público-alvo legitima esse tipo de ação.

Assim, os Governos de Minas Gerais e do Espírito Santo, os Ministérios Públicos estaduais e Federal, junto com a prefeitura de Mariana (MG) e a União, tiveram lugar de destaque na cobertura em *Veja*. Se ao todo tivemos a quantia de 208 invocações de setores sociais em todas as notícias e reportagens no período de um ano de cobertura do desastre, apenas os setores citados representam um montante de 45,19% nas invocações do período.

Os números e as porcentagens dão o tom das prioridades de *Veja* na cobertura da pauta, sendo pragmática na discussão e abordando de maneira singela temas que, devido aos seus valores enquanto empresa jornalística, não condizem com sua prática editorial, em uma relação contratual entre a revista e seu público-leitor. O tema ambiental é um desses exemplos. A falta de representatividade e invocação de setores sociais ambientais, que fiscalizam o uso da natureza, dos recursos naturais do país e da região de Mariana (MG), nos ajuda a pensar a linha editorial de *Veja* através do viés político-ideológico de centro-direita, como nos referenda Fernando Scheefffer (2014):

#### Quadro 2- Distingções relacionadas à temas ligados às novas ideologias

Esquerda	Direita
Descriminalização do aborto	Aborto ilegal
Liberação do uso da maconha	Uso ilegal da maconha
Legalização da união entre pessoas do mesmo sexo	Proibição da união matrimonial de duas pessoas do mesmo sexo
Defesa de ações afirmativas para grupos considerados desprivilegiados	Ações afirmativas tidas como medidas discriminatórias
Prioridade para a problemática ambiental	O uso restrito da natureza impede o crescimento econômico
Religião menos importante	Religião mais importante

Fonte: Scheefffer (2014, p. 8)

Como a pauta ambiental é mais cara à esquerda nessa métrica, denota-se que *Veja*, por representar os ideais liberais e conservadores, vê “o uso irrestrito da natureza como um impedimento ao crescimento econômico” (SCHEEFFER, 2014, p. 8). Isso não quer dizer, necessariamente, que o periódico não pensa a questão e não ajuda a fiscalizar o uso dos recursos naturais por empresas, mas que esse tipo de pauta tem menos prestígio em seus produtos jornalísticos.

Também foram elencados os temas em que se encaixam as notícias e as reportagens durante a análise do desastre da Samarco em *Veja*. Segue a tabela do índice:

**Tabela 3-** Editorias e temas em *Veja*

Publicações	Brasil	Política	Economia	Entretenimento
72	46	16	9	1

Fonte: elaborada pelo autor (2018)

A tematização dos produtos jornalísticos em *Veja* obedece a alguns critérios visíveis. *Veja* não possui uma editoria específica para o tema ambiental, encaixando a grande maioria dos textos dessa ordem na editoria “Brasil”. Isso corrobora a tese de que a pauta ambiental é menos privilegiada na revista. Um exemplo é a notícia com o título “Lama das barragens já matou 11 toneladas de peixes, diz Ibama”, datada do dia 26 de novembro de 2015, uma suíte ambiental e que está dentro de política.

Outra perspectiva é de que alguns produtos jornalísticos relacionados às falas de diretores e presidentes da Samarco, Vale ou BPH são considerados, para a *Veja*, assuntos econômicos. A suíte “Vale diz ‘lamentar profundamente’ rompimento de barragens em MG” é um exemplo de como a *Veja* trata uma das empresas responsáveis pelo rompimento da barragem de Fundão. Ainda que, no dia da publicação da matéria, um dia após a tragédia, dia 6 de novembro de 2015, não se sabia se a responsabilidade do acontecimento era das empresas operadoras, mas é de fácil apuração saber que quem opera ou exerce atividades com riscos conhecidos, como a mineração, assume o fardo por eventuais acidentes.

A organização dessa tematização é mais condizente do que não é. *Veja* procura detalhar muito bem os aspectos técnico-jurídicos, técnico-administrativos e técnico-econômicos, já que esses são os temas pelos quais a empresa transita com certa notoriedade e seu público consome, considerando o corpus analisado nesta pesquisa.

Mas alguns silêncios nos parecem propositais, discursivamente falando. O periódico, em nenhum momento, expôs as subdivisões acionárias da Samarco, assim como também não destrinchou a estrutura organizacional de suas acionistas, a Vale e a BHP-Billiton, a fim de expor a sua hierarquia e as suas possíveis relações comerciais com a revista.

Para finalizar a análise quantitativa de *Veja*, entenderemos os tratamentos dados pela revista às notícias e reportagens sobre o desastre nesse um ano de cobertura, segundo os valores-notícia propostos por Gislene Silva (2004), expostos na Tabela 4:

**Tabela 4-** Tratamentos em *Veja*

Tratamentos (Valores-notícia)	Quantidade invocada
Impacto	60
Proeminência	33
Justiça	31
Tragédia	30
Governo	8
Surpresa	5
Polêmica	4
Raridade	4
Conhecimento/Cultura	3
Entretenimento	1
Conflito	1

Fonte: elaborada pelo autor (2018)

De acordo com a tabela acima, o alto número de valores de *impacto* não significa que a narrativa privilegia, durante o primeiro ano de cobertura, notícias cujo tratamento tivesse uma alta valoração impactual, seja pela quantidade de pessoas afetadas ou/e envolvidas, mas fatos que também envolviam grandes quantidades de dinheiro. Observando a tabela acima é de fácil associação pensar que a maioria dos assuntos atrelados ao desastre da Samarco em si iriam ecoar essa valoração. Nesse caso, esse tipo de acontecimento é bastante sugestivo se tratando desse valor, já que os impactos do evento, seja de qualquer natureza, ainda estão sendo contabilizados até hoje.

O valor *proeminência* vem na sequência, o segundo mais tratado por *Veja* durante a sua grande narrativa, já que isso se dá pela quantidade de figuras públicas, órgãos e instituições de grande porte e notoriedade social que apareceram durante o tempo

na construção narrativa. Parte da elite econômica do país também foi representada por *Veja*, assim como figuras cujas posições hierárquicas sociais são proeminentes. Ministros, Governadores, Presidente da República, diretores das empresas envolvidas, juízes e promotores são personalidades constituintes do alto escalão social e, cruzando com as informações colhidas na análise das fontes primárias de informação, têm voz praticamente garantida pela revista em suas publicações.

Em terceiro lugar aparece o valor *justiça*. *Veja* enaltece o papel da justiça, na tentativa discursiva de tentar representar, através do poder judiciário, as reivindicações socioambientais que ela mesmo não reporta. Decisões judiciais, denúncias, julgamentos e crimes, além de terem sido pautas recorrentes desde o acontecimento, foram tratados com bastante ênfase pela revista.

Algumas pesquisas indicam que *Veja* é bastante sensacionalista e que a construção da sensação é feita através da produção de sentidos pelos materiais publicados pela revista, principalmente em suas capas. Nesse caso, o valor *tragédia* tem grande aproximação semântica com a sensação ou o sensacionalismo. No caso de Mariana (MG), *Veja* trata o valor durante esse primeiro ano de cobertura de maneira menos efusiva. O tratamento é bastante pertinente nesse um ano, e, tratando-se do tipo de fato e dos seus acontecimentos laterais, o valor tragédia é de grande importância. Os dramas, as perdas materiais e não materiais das famílias, além de outras pautas, não foram levantadas nesse um ano pela revista. Lógico que tragédia tem um significado amplo, que pode ser estendido tanto para causas ambientais como para riscos de morte e morte, mas a tragédia como violência e crime foi raramente discutida em suas pautas. As 29 notícias publicadas que tiveram essa valoração mostram que existe, também, a necessidade de expor o tratamento enquanto ele ainda é quente, o que não necessariamente acontece com outros valores-notícia, tal como *conhecimento/cultura*.

Outros tratamentos que tiveram privilégio na cobertura de um ano de desastre da Samarco foram os valores de *governo*, com oito vezes, *surpresa*, cinco vezes, e, por último, *polêmica* e *raridade*, com quatro vezes cada.

No caso de *CartaCapital*, os índices selecionados por essa pesquisa como relevantes na tentativa de entender a grande narrativa do desastre no periódico nos demonstram o oposto. Se tratando da pluralidade das fontes, índice que visa compreender quantidade, diversidade e qualidade das fontes, *CartaCapital* nos mostra:



Tabela 5- Fontes citadas nas notícias e reportagens em *CartaCapital*

Pluralidade das fontes	Quantidade de aparições
Moradores	6
Especialistas ambientais	2
Izabella Teixeira – ministra do Meio Ambiente	2
Ibama	2
Agência Brasil	2
Paulo de Souza Miranda – coordenador estadual das Promotorias de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico	2

Fonte: elaborada pelo autor (2018)

*CartaCapital* explicita a sua diferença de *Veja* ao utilizar como fonte na sua grande narrativa, de forma majoritária, os moradores atingidos pelo desastre, além de fontes de cunho ambiental. Essa diferença dá a exata medida do tipo de preocupação que o veículo tem ao reportar e ao noticiar esse tipo de evento. Ao todo, *CartaCapital* citou 52 fontes. Dessas, 15 são fontes de informação que se referem ao meio ambiente e tiveram mais repetições do que as outras, vide Tabela 5. O percentual de fontes citadas relacionadas ao meio ambiente é de 36,53%. Em comparação com *Veja*, se tratando de moradores utilizados como fonte, esse percentual cai para 11,53% representados, mas em 14 notícias e reportagens analisadas ao todo, sendo que em *Veja* a porcentagem é de 16,66% em 72 publicações. Ou seja, a cada 2,3 publicações em *CartaCapital*, uma pessoa atingida pelo desastre foi citada; em *Veja* demorou 6,6 publicações para que um morador acometido pelo desastre tivesse voz.

Também é visível perceber que a menor repetição de fontes e a quase mesma quantidade de fontes citadas que *Veja* faz como que o jornalismo de *CartaCapital* tenha mais pluralidade e diversidade também, pelo menos nesse caso. Além das fontes citadas acima, também foram levantadas as vozes de Alceu Luís Castilho (jornalista), Altamir Rôso (secretário de Estado de Desenvolvimento Econômico de Minas Gerais), Hoje em dia, TSE, Blog outras palavras, Andre Rusch, The Wall Street Journal, Murilo Ferreira (presidente da Vale), Carlos Eduardo Ferreira Pinto (promotor), Jair Carlos Koppe (doutor em Geociências), Ricardo Motta Pinto Coelho (coordenador do Laboratório de Gestão Ambiental de Reservatórios da UFMG), entre outras fontes durante a grande narrativa, para exemplificar a diversidade acolhida por *CartaCapital*.

Outra instigante observação é sobre a qualidade de fontes. Enquanto *Veja* prioriza os tecnocratas, a classe alta, entre outros setores da sociedade, *CartaCapital* utiliza como fontes de informação doutores e especialistas, não apenas do eixo Rio-São Paulo, mas também de outras áreas do país, assim como da área afetada. A seleção de fontes dá a tônica e corrobora com que o periódico tem como linha editorial, textos mais densos e analíticos.

Revelando os setores sociais invocados na grande narrativa produzida por *CartaCapital* no período, tivemos o seguinte resultado:

**Tabela 6-** Setores sociais invocados em *CartaCapital*

Setores sociais	Quantidade invocada
Governo Federal	5
Ibama	5
Governo de Minas Gerais	4
Congresso Federal	4
MPE-MG	4
ANA	3
Planalto	3
MPF	3
PMDB	3
Governo do Espírito Santo	3
Ministério do Meio Ambiente	2
Defesa Civil	2
União	2
Fundação Estadual de Meio Ambiente	2
Senado	2
Conselho Nacional do Meio Ambiente	2

Fonte: elaborada pelo autor (2018)

A grande incidência de invocações do Governo Federal na grande narrativa construída por *CartaCapital* pode ser interpretada como uma espécie de filiação política, já que, à época, a instituição era chefiada por Dilma Rousseff (PT), impichada em 2016. Mas não é o que conteúdo das notícias e das reportagens nos mostra. A identificação com os governos petistas que chefiaram o executivo do país durante 13 anos seguidos existe, mas isso não impede *CartaCapital* de ser crítica ao petismo, conforme trecho

a seguir: “Mas o que está em questão é a atitude (ou falta dela) política. Nessa hora os principais atores do Governo Federal, diga-se a presidente Dilma, já deveriam estar na região e mobilizando esforços para apoiar a sociedade” (CARTACAPITAL, 2015).

Uma outra citação da revista *CartaCapital*, apontando supostos erros da gestão Dilma Rousseff (PT): “Acuada, Dilma Rousseff (PT) parece não ter notado a gravidade do entorno e patina há meses nas próprias decisões (um ajuste fiscal mal explicado, uma reforma ministerial mal desenhada, declarações públicas entre o destemper e a desorientação, insistência em dizer que quem manda ali é ela)” (CARTACAPITAL, 2015).

Assim, a liderança do ranking de invocações de setores sociais assumida pelo Governo Federal não tem nada de paralelismo político. Junto a ele, está o Ibama, órgão máximo se tratando de questões de cunho ambiental. Isso denota a preocupação em representar e levantar a causa ambiental nos textos da revista, semelhante ao que aconteceu com o levantamento das fontes primárias de informação.

Do restante, podemos ver algumas instituições públicas como o Governo de Minas Gerais, o Congresso Nacional e o MPE-MG. Aqui, o antagonismo com *Veja* é diluído, já que invoca várias vezes esses órgãos públicos com a mesma intenção de *Veja*: procurar entender e informar as providências a serem tomadas no âmbito político, econômico e jurídico. Nesse sentido, é correto afirmar que esse tipo de acontecimento demanda a invocação dessas instituições e que não dá pra interpretá-las de forma político-ideológica, afirmando que a invocação de tais setores tem caráter qualitativo, ou seja, que podemos denotar que, ao citá-los, tanto *Veja* quanto *CartaCapital* estão tomando posições. É de praxe que essas instituições tenham lugar de destaque, já que são elas que executam, legislam e julgam em um regime democrático.

A diferença volta a aparecer na sexta posição quando a ANA (Agência Nacional de Águas) aparece com três citações nas 14 publicações do período, assim como o Ministério do Meio Ambiente, a Fundação Estadual do Meio Ambiente e o Conselho Nacional do Meio Ambiente, todos figurando com duas citações cada no período, corroborando com a tese da importância ambiental da revista.

Se tratando dos temas (editoriais) em que *CartaCapital* direcionou e encaixou suas publicações, temos:

Tabela 7- Editorias e temas em *CartaCapital*

Publicações	Sociedade	Sustentabilidade	Política	Entretenimento	História
14	7	3	2	1	1

Fonte: elaborada pelo autor (2018)

Um fator que chama a atenção é a editoria de sustentabilidade. Enquanto *CartaCapital* dispõe de uma editoria apenas para a questão ambiental, resumindo a ela todas as pautas sobre meio-ambiente, práticas sustentáveis e afins, *Veja* não dispõe de qualquer editoria correlata que demonstre anseio ambiental. Isso não quer dizer que as coberturas ambientais fiquem de fora do portal ou da revista impressa e que o periódico não possui interesse nesse tipo de pauta, mas é curioso ver que ela não destina um espaço exclusivo a essas pautas. A *Veja* procura ser mais pragmática nesse sentido, escolhendo o nome de Brasil para a editoria que mais contém publicações sobre o desastre da Samarco. Já na *CartaCapital*, essa editoria é tratada pelo nome de Sociedade. Outra interpretação é entender que as pautas relacionadas ao meio-ambiente e à sustentabilidade são mais caras à esquerda, numa métrica político-ideológica aceitável, do que à direita, assim como mostrado no Quadro 2. Ferraz (2018) nos ajuda na tentativa de definir quais são as novas ideologias ligadas à direita (conservadorismo) e à esquerda (progressismo) numa nova concepção pós-guerra e pós-industrial na qual o caráter econômico é deixado de lado e o caráter cultural aflora:

Isso quer dizer que os interesses humanos, que por boa parte do século XX ficaram atrelados às relações de escassez econômica – em virtude das guerras mundiais e a iminência da eclosão da Guerra Fria, disputada por EUA e URSS –, agora são outros. Assim, as mudanças socioeconômicas significativas que ocorreram ao longo do século tiveram como decorrência uma profunda transição nas prioridades do sujeito e, conseqüentemente, da sociedade. Em síntese, com a segurança material garantida, questões que tendem a maximizar o bem-estar e que transcendem o conceito técnico-econômico começam a surgir, como qualidade de vida, autoestima individual, preservação ambiental, entre outros assuntos de caráter pós-material. É uma transição paradigmática. Nesse sentido, as divergências entre direita e esquerda assumem novas características pois vão além do mundo material. Surgem temas novos que dão o ar da tônica dicotômica entre os dois modos de pensamento, tais como a liberação maconha, a legalização do aborto, a união legal entre pessoas do mesmo sexo, a questão da preservação ambiental, entre outros tópicos que divergem opiniões e que, de uma forma ou de outra, estão interligadas com as ideologias clássicas.

Ou seja, os progressos demandados por parte da sociedade são vistos pelo outro lado como empecilhos que deturpam a ordem e moralidade já estabelecidas e estão interligados com as ideias iniciais de direita e esquerda. Essa diferença ideológica entre progressistas e conservadores dão o tom nesse novo mundo. Assim, o enfoque que antes era prioritariamente econômico acaba se transformando em cultural. Ideologias clássicas como liberalismo e socialismo, que se ocupavam dos certames econômicos, dão lugares às novas ideologias tais como o feminismo, o ecologismo, o fundamentalismo religioso, o multiculturalismo, entre outras. Essa troca ultrapassa a dicotomia inicial entre conforto econômico e justiça social, pois, valores, crenças e estilos de vida pessoais, aliados à ideia de identidade (FERRAZ, 2018, p. 8-9).

Isso não quer dizer que a direita ou parte dela não se preocupa com essas questões, mas que elas são mais caras ao progressismo do que ao conservadorismo. Segundo Bresser-Pereira:

A direita é o conjunto de forças políticas que, em um país capitalista e democrático, luta sobretudo por assegurar a ordem, dando prioridade a esse objetivo, enquanto a esquerda reúne aqueles que estão dispostos, até certo ponto, a arriscar a ordem em nome da justiça – ou em nome da justiça e da proteção ambiental, que só na segunda metade do século XX assumiu estatuto de objetivo político fundamental das sociedades modernas (BRESSER-PEREIRA, 2006, p. 26-27).

Dessa forma, as linhas editoriais dos periódicos, as maneiras como constroem e dão nomes às editorias e como esse tipo de acontecimento é organizado dentro de cada uma delas já nos posiciona sobre a forma como as revistas narram seus fatos.

6 Palavra-chave colocada acima do título de uma publicação, a fim de orientar a temática e subtemática ao seu leitor. Alguns veículos vêm substituindo o chapéu por selos, um conceito mais gráfico e mais atrativo, já que se trata de uma ilustração simbólica.

Também se tratando dos temas em *CartaCapital*, nota-se que o periódico utiliza, também em sua versão on-line, o chapéu<sup>6</sup> nas publicações como forma de guiar o seu leitor dentro das temáticas. Alguns desses subtemas são: tragédia em Mariana (quatro vezes), desastre (duas vezes), tragédia ambiental, Mariana (MG), História (apenas por ter sido uma reportagem em *CartaEducação*), Meio Ambiente, *Commodities*, Congresso, Market Analysis e Mar de Lama. Em *Veja*, o chapéu é exatamente igual à temática ou editoria em que se encontra a publicação.

Para finalizar o estudo quantitativo de *CartaCapital*, foram analisados os tratamentos (valores-notícia) utilizados pelo periódico na cobertura de um ano do desastre da Samarco. São eles:

Tabela 8- Tratamentos em *CartaCapital*

Tratamentos (Valores-notícia)	Quantidade invocada
Impacto	14
Tragédia	10
Polêmica	7
Governo	3
Proeminência	2
Conhecimento/Cultura	2

Fonte: elaborada pelo autor (2018)

Assim como em *Veja*, os valores de impacto se sobressaíram na grande narrativa em *CartaCapital* por motivos óbvios: são pautas que envolvem uma grande quantidade de pessoas implicadas e afetadas e grande quantias de dinheiro. Gislene Silva (2004) entende o impacto enquanto valor-notícia dessa forma.

Na sequência, temos o tratamento de *tragédia*, com dez levantamentos. A razão da prática jornalística não encontra espaço no sensacionalismo ou na tentativa de causar comoção social ao descrever os acontecimentos de forma a entender o acidente, os riscos de morte e as mortes acontecidas e, principalmente, a violência e o crime cometidos pelas empresas responsáveis pelas barragens de Fundão e Santarém. Essa, talvez, seja a grande diferença na abordagem que as duas revistas se propuseram a fazer durante esse primeiro ano de cobertura jornalística: o engajamento solidário às vítimas e a culpabilização das empresas que operavam as barragens. Enquanto *Veja* procura não emitir juízos de valor sobre o desastre, escondendo-se sobre a falsa pretensão de imparcialidade jornalística, *CartaCapital* explora as várias nuances da tragédia, procurando narrar o fato sempre deixando claro que a responsabilidade foi da Samarco e, conseqüentemente, das empresas que a controlam. Não existe um falso moralismo ou uma tentativa de se esquivar na emissão de opinião, até porque, como veículo de centro-esquerda, procura criticar os donos do capital, as suas constantes e irresponsáveis práticas e os conluíus entre os setores privado e público, tratando-se de clientelismo. Nesse sentido, *CartaCapital* vai direto ao ponto quando mostra a doação e o financiamento de campanhas feitos pela Vale a figuras como Eduardo Cunha (PMDB), Aécio Neves (PSDB), Dilma Rousseff (PT), Marina Silva (Hoje no Rede, na época no PV), entre outros, na reportagem datada do dia 13 de novembro de 2015, cujo o título é “Quanto candidatos e partidos receberam da Vale” (CARTACAPITAL, 2015).

Voltando aos tratamentos, em terceiro lugar aparece o valor de *polêmica*. *CartaCapital* utiliza esse tratamento em notícias/reportagens cujo fato destoa da realidade. Um exemplo é esse citado acima. Outra amostra é a reportagem com o título “Vale: depois da lama, o pó preto” (CARTACAPITAL, 2016), na qual o periódico denuncia a Vale devido à grave poluição gerada no embarque da produção no Porto de Tubarão, no estado do Espírito Santo, datada do dia 4 de fevereiro de 2016. Um escândalo que não mereceu atenção por vários veículos da mídia hegemônica, inclusive a Veja.

Os outros tratamentos utilizados por *CartaCapital* no enfoque e na valoração das matérias de sua grande narrativa sobre o desastre foram: *governo* (pautas que se dedicaram e tinha como enfoque narrativas governamentais ou de interesse nacional); *proeminência* (ao contrário de Veja, na qual esse tipo de tratamento foi corriqueiro, em *CartaCapital* ele parece como secundário); *justiça* (duas valorações que denotam que o *hard news* não é o objetivo editorial do periódico, já que houve vários desencadeamentos jurídicos durante o períodos e até hoje); e, por fim, *conhecimento/cultura* (demonstrando a grande preocupação da revista por pautas científicas e que tinham como intenção levantar o conhecimento e outras formas de visualizar e significar o mundo).

## 5. Conclusões

O trajeto analítico e sistemático desse um ano de cobertura do desastre da Samarco nas revistas *Veja* e *CartaCapital*, evidenciou algumas coisas. Se tratando da quantidade de publicações, a discrepância é grande por, basicamente, dois motivos atrelados à linha editorial que as duas procuram promover, o que também está correlacionado com o ethos discursivo de cada uma. *Veja*, em seu portal on-line, é um periódico que prioriza o *hard news* e notícias, imprimindo um modelo industrial à sua produção noticiosa, fazendo com que sua prática jornalística se transforme numa produção incessante de conteúdos quase em tempo real, em detrimento de reportagens investigativas e analíticas – como faz *CartaCapital*, indo além do factual, capturando também as lateralidades do fato.

Ao falarmos das pluralidades das fontes, *CartaCapital* se mostrou como mais plural, menos repetitiva, mais diversa e mais popular, qualitativamente, que *Veja*, que procura dar voz às classes mais altas, que já possuem um amplo privilégio quando

tratamos de igualdade de representação. Assim, *Veja* ajuda a conservar o *status quo* social brasileiro, em que a desigualdade impera e apenas as classes mais abastadas possuem voz e dominam os signos sociais. É nesse sentido que *CartaCapital* intervém, procurando divergir da mídia hegemônica e ser uma voz diferente.

Quando o assunto trata dos setores sociais, existe certa equiparação. Enquanto há um consenso entre os setores sociais representados nas publicações de ambos os portais *on-line*, entre eles os órgãos públicos federais, estaduais e municipais – entendendo que são setores que devem ser ouvidos num evento dessa magnitude, até porque os seus representantes são figuras notórias, tais como Ministérios públicos estaduais e federais, governos dos estados e da federação, entre outros –, existe uma pequena diferença que é reflexo também da linha editorial distinta de cada veículo de comunicação. No que mede a distinção, levando em consideração o tema abordado, *CartaCapital* assume para si uma práxis ambiental, que é entendida como uma narrativa de veículos de centro-esquerda ou, pelas palavras do periódico, progressista. Enquanto isso, *Veja* não se mostra um veículo cuja representação socioambiental seja relevante.

Sobre os temas, *CartaCapital* utiliza editorias que dialogam com o desastre da Samarco, especificamente, tal como sustentabilidade, enquanto *Veja* engloba a maioria das suas publicações na editoria “Brasil”, não tratando desse tipo de pauta de maneira particular. Dá-se a entender que esse tipo de tema é mais caro à *CartaCapital* do que à *Veja*, configurando o *ethos* das duas revistas.

Por fim, quando o assunto são os tratamentos destinados às pautas nessa grande narrativa, ao utilizarmos com base a tabela de valores-notícia de Gislene Silva (2004), percebemos que o fator analítico de *CartaCapital* assume uma disposição proeminente para tratar o tema de forma impactual e trágica. *Veja* também assume a valoração impactual, já que o desastre em si é de grande impacto em inúmeros sentidos, mas também invoca a valoração de proeminência. Conforme a tabela de valores nos referenda, o periódico escolhe as notoriedades, celebridades, posições hierárquicas, elites (indivíduo, instituição, país) e sucesso/herói como prioridades jornalísticas.

As duas organizações praticam estilos jornalísticos diferentes, quiçá antagônicos. O jeito como selecionam as fontes, os setores que invocam ao narrar o desastre, os temas e os tratamentos destinados ao material produzido condizem com as propostas editoriais de cada revista, uma em cada nicho editorial. Assim, podemos descrever



que *Veja* procura narrar o real através de um viés mais à direita, já que não arrisca a pluralidade de fontes e delimita um conjunto elitista de setores sociais a serem invocados, cuja representatividade social já é atestada. Já *CartaCapital* proporciona, enquanto política editorial, uma visão alternativa aos meios de comunicação tradicionais, representando o fato de forma mais à esquerda, visando implementar um jornalismo em que as igualdades de representação são mais proeminentes.

## Referências

ARAÚJO, Bruno Bernardo. *A Narrativa Jornalística e a Construção do Real*: como as revistas *Veja* e *Isto É* trataram a manifestação dos estudantes da Universidade de São Paulo (USP). Portugal: Universidade de Coimbra, 2011. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/araujo-bruno-a-narrativa-jornalistica-construcao-real.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2018.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Ed. 4, 2011. 229 p.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Por um partido democrático, de esquerda e contemporâneo. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, São Paulo, n. 39, 1997.

CALDAS, Graça. *Vozes e silenciamentos em Mariana*: crime ou desastre ambiental? Campinas, SP: BCCL/UNICAMP, 2017. 352 p. Disponível em: [http://www.labjor.unicamp.br/wp-content/uploads/2018/04/2a\\_edicao\\_digital\\_vozes\\_e\\_silenciamentos\\_em\\_Mariana\\_06042018\\_LABJOR\\_09-04.pdf](http://www.labjor.unicamp.br/wp-content/uploads/2018/04/2a_edicao_digital_vozes_e_silenciamentos_em_Mariana_06042018_LABJOR_09-04.pdf). Acesso em: 14 mar. 2018.

CARTACAPITAL. O rio amargo que corre para o mar. *CartaCapital*. 11 nov. 2015. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sustentabilidade/o-rio-amargo-que-corre-para-o-mar-9001.html>. Acesso em: 20 jul. 2021.

CARTACAPITAL. Quanto candidatos e partidos receberam da Vale. *CartaCapital*. 13 nov. 2015. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/quanto-candidatos-e-partidos-recebem-da-vale-6889.html>. Acesso em: 20 jul. 2021.

CARTACAPITAL. Vossa excelência é um moleque. *CartaCapital*. 10 dez. 2015. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/vossa-excelencia-e-moleque/>. Acesso em: 20 jul. 2021.

CARTACAPITAL. Vale: depois da lama, o pó preto. *CartaCapital*. 12 fev. 2016. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/revista/886/depois-da-lama-o-po-preto>. Acesso em: 20 jul. 2021.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

FERRAZ, Vinicius Suzigan. *Entre direita e esquerda: definições político-ideológicas e suas representações nos meios de comunicação*. Belo Horizonte, MG: Intercom, 2018.

GONÇALVES, Eduardo; FUSCO, Nicole. Tragédia em Mariana: para que não se repita. *Veja*. 11 nov. 2015. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/especiais/tragedia-em-mariana-para-que-nao-se-repita/>. Acesso em: 20 jul. 2021.

MELO, José Marques. *Gêneros jornalísticos no Brasil: o estado da questão*. Curitiba, PR: Intercom, 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0763-1.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2018.

MOTTA, Luiz Gonzaga. *A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística*. São Paulo: Intercom, 2011.

SCHEEFFER, Fernando. Esquerda e direita: velhos e novos temas. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 38., Caxambu, MG. *Anais...* Caxambu: ANPOCS, 2014.

SILVA, Carla Luciana Souza. *Veja: o indispensável partido neoliberal*. 665 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, UNIOESTE, Niterói, 2005.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2., Salvador, Universidade Federal da Bahia, nov. 2004. *Anais...* Salvador: SBPJor, 2004.

VEJA. Lama das barragens já matou 11 toneladas de peixes, diz Ibama. *Veja*. 26 nov. 2015. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/lama-das-barragens-ja-matou-11-toneladas-de-peixes-diz-ibama/>. Acesso em: 20 jul. 2021.

VEJA. Vale diz “lamentar profundamente” rompimento de barragens em MG. *Veja*. 30 jul. 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/economia/vale-diz-lamentar-profundamente-rompimento-de-barragens-em-mg/>. Acesso em: 20 jul. 2021.